

3. Um processo de conversão

No prólogo da Regra, a casa de Deus, que é o mosteiro, é chamada "tenda", referindo-se ao Salmo 14, que fala do Tabernáculo do Senhor, no Monte Sião. Este termo também nos dá a idéia de uma casa de nômades, no deserto, naquela Tenda da Presença de Deus, que se movia no deserto com o povo de Israel, para que se convertessem e se tornassem o povo de Deus, pronto para entrar na Terra Prometida.

Também a nossa comunidade é uma morada de Deus onde se caminha, onde Deus caminha conosco, para nos conduzir à plenitude da vida. Para nos conduzir à vida, o Senhor misericordioso se faz pastor, e nos acompanha em um caminho de conversão que nos faça, realmente, voltar ao Pai, com toda a nossa vida.

São Bento diz que o Senhor nos mostra o "caminho da tenda – *viam tabernaculi*" (RB Pról. 24). Pode-se entender como a estrada para chegar à tenda, mas também como o caminho que a tenda nos leva a percorrer movendo-se no deserto.

Em todo caso, a referência ao Salmo 14 permite imediatamente a São Bento, descrever a conversão à nós pedida, para habitar na tenda de Deus e repousar na santa montanha de Deus, nestes termos: "Senhor, quem entrará na tua tenda, quem encontrará descanso na tua santa montanha? (...) Aquele que anda irrepreensivelmente, e faz justiça; quem diz a verdade em seu coração; que não profere calúnia com a sua língua; quem não faz o mal ao seu próximo; quem não aceita o insulto contra o seu próximo." (RB Pról. 23,25-27; Sl 14,1-3).

Com esta citação do Salmo 14, São Bento, chama, imediatamente, a um caminho de conversão, que é um caminho de verdade e misericórdia para com os outros. Desde o início da Regra, é claro para São Bento, que necessitamos de misericórdia, e por isso necessitamos de uma comunidade fraterna, e que para viver nesta, precisamos de conversão, de fazer um caminho, no qual, nossos corações se convertam à misericórdia de Deus para com os outros. É como se Bento nos quisesse gerar à mesma maturidade e paternidade misericordiosa do coração, que lhe permitiram perdoar os monges de Vicovaro e permitiram que seu carisma se tornasse fecundo.

Mas já antes de citar o Salmo 14, o Prólogo cita o Salmo 33, do qual, toma também uma pergunta e uma resposta. A pergunta é: "Quem é o homem que anseia a vida e deseja ver dias felizes?" (Pról. 15; Sl 33,13). A resposta é: "Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faze o bem, procura a paz e segue-a" (Pról. 17; Sl 33,14-15).

Esta conversão à verdade misericordiosa nas relações, descrita pelo Salmo 14 e pelo Salmo 33, não deve ser banalizada, como se Bento citasse estas palavras, apenas para colocar uma decoração bíblica, no texto do Prólogo. Toda a Regra, de fato, descreve este caminho de conversão. Sem esta, não subimos à santa montanha do Senhor, para habitar com Ele, isto é, sem esta, não há verdadeira ascese monástica, não há ascese cristã, não se progride, não se cresce, não se eleva. E sem esta, não chegaremos à verdadeira vida, à felicidade e paz.

Aqui devemos nos lembrar da situação do mundo, da sociedade em que vivemos, tanto na Europa como em outros continentes, de onde vocês vem. Quanta violência, quanta mentira, quanta dureza, quanta corrupção, quanto mal! E a sociedade se sente, sempre mais, impotente, não sabe como responder, como se defender, e, no fundo, não sabe, nem mesmo, do que deve se defender... Cada vez que acontece uma tragédia, as autoridades políticas procuram confortar as pessoas, mas suas palavras não as sentimos verdadeiras, especialmente quando nos convidam a não temer, porque o mal será vencido e saberemos nos defender. O máximo que podem prometer, é ser mais fortes daqueles que fazem violência, colocando em concorrência a violência dos outros com a nossa. Quando a defesa da violência dos outros, está apenas na força da nossa violência, não se alcança nunca a paz, e se vive, sempre mais, em tensão, em um braço de ferro, onde conta somente a força dos músculos.

A proposta de Deus, de Jesus, de São Bento, e hoje de Papa Francisco, é se opor à violência da força física, a uma força que é de uma outra natureza, uma força interior, uma força de vida e não de morte, uma força de vida mais forte que a morte, a força pascal de Cristo Ressuscitado, que vem dizer aos discípulos trancados no medo: "A paz esteja convosco", e o faz, mostrando as mãos e o lado, isto é, as feridas da Cruz, da paixão e morte, que vencem o mal e a morte (Jo 20,19-20).

Há uma fraqueza, uma fragilidade, existem feridas, há uma morte que vence a força, violência, segurança do mundo, e permite uma paz verdadeira, profunda e fecunda.

Esta força interior e profunda, no entanto, pede uma conversão, pede um caminho de conversão do coração, da vida, dos relacionamentos. Nenhum político propõe uma conversão como um caminho de vitória sobre o mal. Para combater a violência com a violência, não é necessária uma conversão, ao contrário: a conversão é vista como negativa, porque quem vive uma conversão do coração está desarmado, não tem defesas físicas contra a violência, e está, portanto, mais vulnerável daqueles que se armam, de quem se defende, de quem se opõe ao mal com o mal, violência à violência. Quem aceita mudar interiormente, para vencer antes de tudo, o mal dentro de si, segue o caminho de Cristo e abraça a sua vulnerabilidade, aquela da Cruz, aquela de se deixar perfurar o Coração, até a última gota de sangue e água.

O caminho da conversão que nos propõe São Bento, é desta natureza, que é a natureza do Evangelho. É um caminho de conversão à misericórdia, que nos faz percorrer o caminho de conversão que São Bento seguiu, até implorar a misericórdia de Deus sobre aqueles que queriam envenená-lo.

No início da Regra, é como se São Bento nos dissesse: "Se quiseres também alcançar esta misericórdia do coração, que perdoa com o rosto pacífico e ânimo tranquilo, aquele que ameaça a tua vida, isto é, teu pior inimigo, deixando agir a misericórdia de Deus sobre ele, e antes de tudo em ti mesmo, segui-me no caminho que te proponho. Caso contrário, este não é o teu caminho, porque não faz sentido se tornar monja e monge por outras razões fora desta, e a Igreja e o mundo não precisam de monges se não para viver e testemunhar isto".

Especialmente hoje!